

Qualidade no Ensino



Horácio Almendra (horacio.almendra@iqe.org.br)
Colaboração: Maria Helena Braga, Maria Sidalina Gouveia,
Cristina Luiza Garbuió, Maria Teresinha Figueiredo e José Gayoso.

Tecendo uma história de mãe e de alfabetização

Por: Iran Freitas*

Muito embora minha formação acadêmica e profissional me confira a condição de realizar um debate técnico sobre a ação alfabetizadora ou simplesmente sobre a alfabetização, neste artigo, fiz a opção por outro enfoque, desta vez conferido pela vida, que me possibilitou a oportunidade de vivenciar, na condição de mãe, os caminhos de uma criança no seu processo de alfabetização.

Lembro-me bem do primeiro momento em que percebi que, a partir de então, a escola tinha principiado mais uma intenção pedagógica na formação de Beatriz e que, com isso, sua viagem no universo da alfabetização começava. Bia tinha apenas quatro anos e entre cantigas, contos e brincadeiras iniciava uma trajetória que duraria sua vida inteira, a trajetória no planeta das palavras.

Para minha alegria, esse planeta lhe fora apresentado das mais doces e variadas formas que consideravam seu tempo, seu ritmo, seu desenvolvimento, sobretudo, consideravam seu jeito de olhar o mundo e de se relacionar com ele. Ao seu universo repleto de imagens ainda tão concretas, chegavam, agora, por vários caminhos, aquelas que, um dia, lhe permitiriam reescrever as histórias: as letras, com suas imagens e sons.

Das brincadeiras, aparentemente desinteressadas, até as atividades mais objetivamente direcionadas à aquisição da escrita e da leitura foi uma longa, variada e

prazerosa trilha, que pude acompanhar de perto, de tão perto, que conseguia sentir o cheiro e o sabor das experiências de Bia na sua introdutória relação com a magia das palavras. Posso dizer que eram muitas e sutis as descobertas, muitas e provocantes as hipóteses, do tipo: "Mãe, por que escrevo Zebra com "Z" e Mesa com "S"?" Ou "Mãe, seu nome tem as mesmas letras do da tia Nair, é só mudar de lugar..."

O mais importante é que, a ela, todas essas possibilidades de questionar ou simplesmente problematizar eram, não só permitidas, mas intencionalmente oportunizadas, sem restrição. E assim Bia foi aos poucos e infinitamente tecendo o seu processo de alfabetização, que desembocou num enorme gosto pela leitura e pela escrita. Quero dizer com isso que, embora sejam muitos os caminhos que levam uma criança a se alfabetizar, e disso todos sabemos, nem todos esses caminhos conseguem levá-la tão longe quanto aqueles que acreditam que a própria criança, com seu repertório infantil, pode e deve ser sujeito nessa história.

Ver Beatriz, hoje com seis anos, mover-se desenvolta no mundo das palavras, não sóme emociona como mãe, mas me traz algumas certezas como professora, dentre elas, a de que, a partir de agora, seu olhar sobre o mundo contará com a literatura e sua caleidoscópica possibilidade de apresentá-la a inúmeras imagens e formas de ver a vida e vivê-la em sua plenitude.

Quando garantimos a uma criança o seu direito de ler e escrever, estamos permitindo-lhe a condição de voo, de liberdade e de escolha, estamos permitindo-lhe ser sujeitos, ler e escrever o mundo do seu jeito e da sua forma.

Infelizmente na contramão de Bia, assistimos diariamente, no Brasil, à história de centenas de milhares de crianças que, apesar de também frequentarem uma escola por bastante

tempo, não conseguem se alfabetizar e prosseguem, à idade adulta, lendo o mundo – que para Freire: "precede a leitura das palavras" –, sem o acesso aos saberes historicamente produzidos. Na minha contramão, assistimos diariamente a centenas de milhares de mães que não têm o direito de se emocionar ao ouvir a primeira leitura e escrita autônoma de sua criança.

Em um país onde de cada 100 crianças que entram no primeiro ano, 40 não conseguem se alfabetizar, não dá para se transbordar de alegria com o alcance de seu filho sem sentir o gosto amargo daqueles que, diferentemente dele, não tiveram nem terão, pelo menos em curto prazo, tantas oportunidades quantas forem necessárias para se alfabetizar.

Sei que suas vidas seguirão, mas sem os diálogos com Dostoiévski, Freire, Guimarães, Clarisse, Roth e sem os deslumbramentos e maravilhosidades de Bandeira e de tantos outros e que isso é delegar-lhes uma "morte anunciada", aquela morte que se dá por dentro, aquela morte que se dá por deixar eternamente a esperar, sem busca, em alguma prateleira do mundo, aquele livro que há tanto nos espera.

Para Bia, essa busca já começou. A escola conseguiu dar-lhe a permissão de voo. Para mim, como mãe, é seguir ao seu lado, alegrando-me a cada descoberta ou como diria o poeta e filósofo americano Thoreau, alegrando-me, quando da iniciação de "uma nova era na sua vida, a partir da leitura de um livro". A ela todo meu encanto. Imagino agora Bia, vestida no "Vestido de Laura", sentada no "Burrinho Azul", como a mais bela menina olhando pra Cecília e dizendo com voz de amizade: "Bom Dia"....

Iran Freitas é Coordenadora Geral em Pernambuco do IQE
– Instituto Qualidade no Ensino
(www.iqe.org.br)